

TELMA GUIMARÃES

Ilustrações
Claudia Scatamacchia

A PORTA DO MEU CORAÇÃO



6ª edição
8ª tiragem
2018

Todos os direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros — CEP 05425-902
São Paulo — SP
Tel: (011) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

Copyright © Telma Guimarães, 1995

Editora: CLAUDIA ABELING-SZABO

Suplemento de trabalho: MARCIA MAISA PELACHIN

Preparação de texto: CARMEM TEREZA SIMÕES COSTA

Revisão: HÉLIA DE JESUS GONSAGA (ger.),

KÁTIA SCAFF MARQUES (coord.),

ROSÂNGELA MURICY (coord.),

ANA PAULA C. MALFA e

BRENDA T. M. MORAIS

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Projeto gráfico: ZIG ZAG

Supervisão de arte: JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Telma Guimarães Castro

A porta do meu coração / Telma Guimarães ;
ilustrações Claudia Scatamacchia. — São Paulo:
Saraiva, 1995. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-01710-8 (aluno)

1. Literatura infantojuvenil I. Scatamacchia,
Claudia. II. Título. III. Série.

97-1987

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

8ª tiragem, 2018

Impressão e Acabamento:

CL: 810116
CAE: 571379

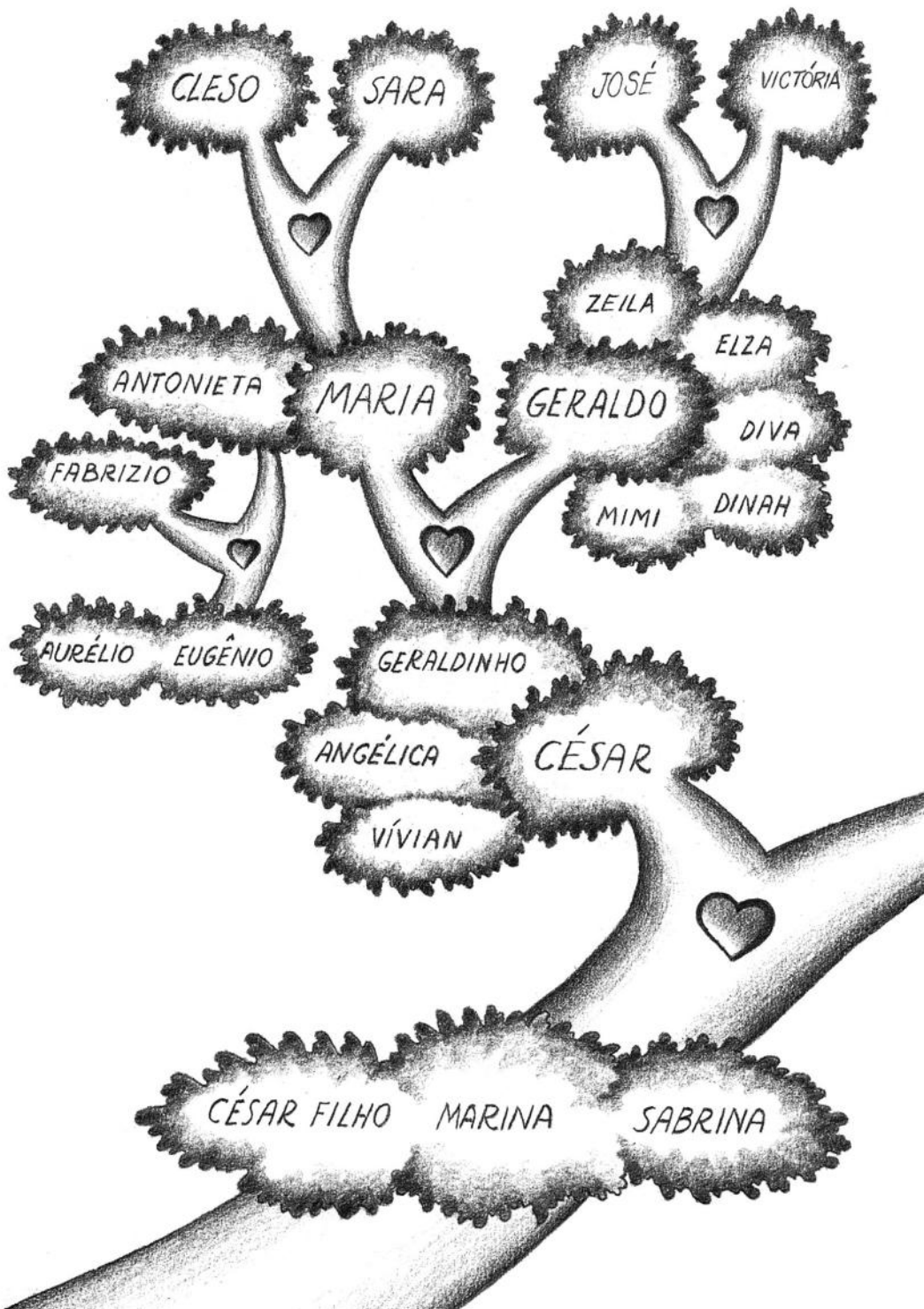
Todos os direitos reservados à Editora Saraiva



*Para meu filho
mais velho, Cleso,
que a cada dia também
abre novas portas,
lindos caminhos...
Com carinho.*

“No coração das pessoas sensatas mora a sabedoria.”

Provérbios 14,33



CLESO

SARA

JOSÉ

VICTÓRIA

ANTONIETA

MARIA

GERALDO

ZEILA

ELZA

FABRIZIO

DIVA

MIMI

DINAH

AURÉLIO

EUGÊNIO

GERALDINHO

ANGÉLICA

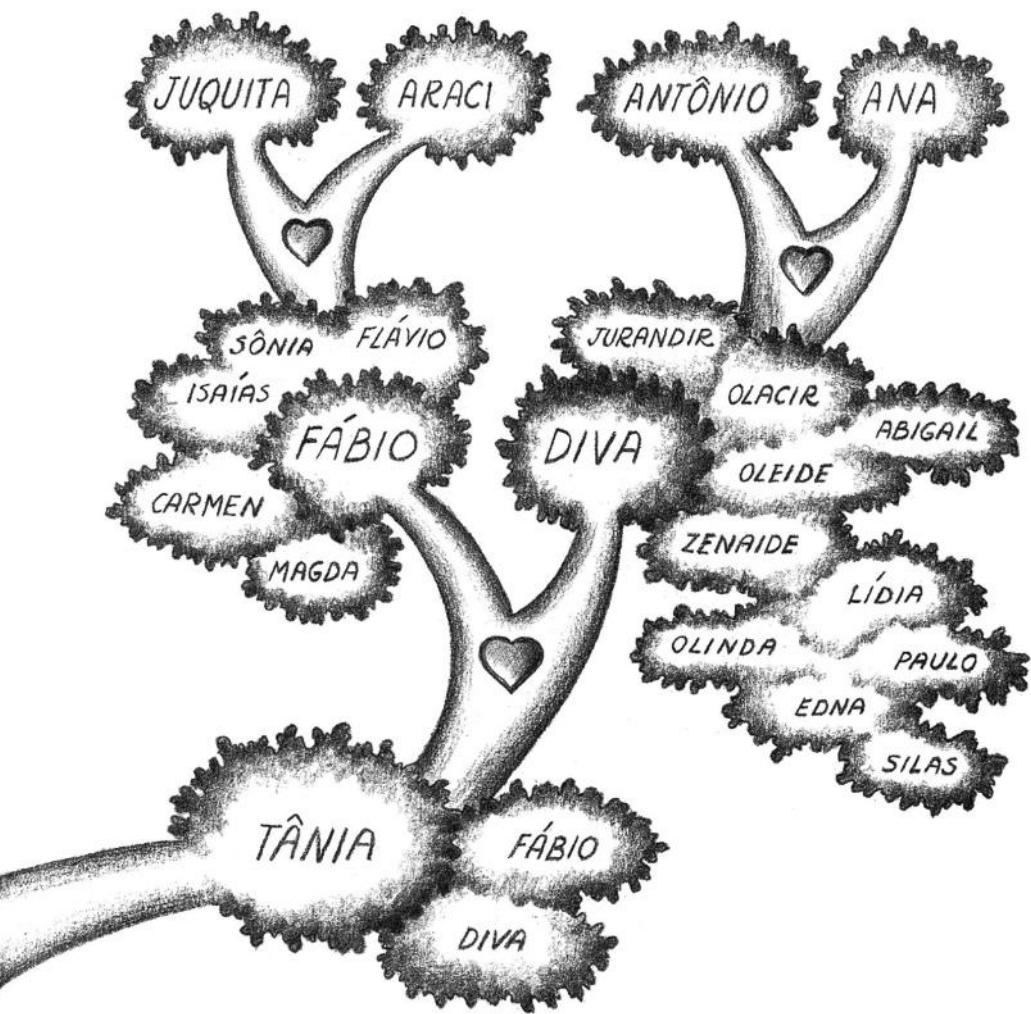
CÉSAR

VÍVIAN

CÉSAR FILHO

MARINA

SABRINA







A casa de número 102 da rua Emilia de Paiva Meira nunca desabara porque era sólida como uma rocha. Para falar a verdade, era sólida como a união das pessoas que a construíram: doutor Geraldo e dona Maria. Quando eles a idealizaram, há cinquenta anos, verificaram detalhe por detalhe.

O bairro era o Cambuí. A cidade, Brilhantina. O ano, 1941.

Doutor Geraldo era médico oftalmologista, na época em que oftalmologista também socorria apertos no peito, gripe de criança, dando até pontos em joelhos travessos de grandes e pequenos.

Bons tempos aqueles em que se podia tomar café sossegado, ir andando calmamente para o consultório, voltar para o almoço e ainda tirar uma pestana.

Os dois foram tendo os “filhos-escadinha”: primeiro veio a Vívian, depois a Angélica e então o Geraldinho.

Quando dona Maria estava esperando o quarto filho, levou um tombaço na escada do sobrado, rolando com o barrigão, barrigão com o caçula dentro.

Sabe o que aconteceu? Nada. Pura sorte, né?

Dona Maria diz até hoje que seu “filho-escadinha” nasceu forte e sacudido.

Quando o César (esse da escada) nasceu, a Vívian tinha quatro anos, Angélica três, Dinho (o Geraldinho) dois. Uma verdadeira tropa. De choque.

As meninas dormiam no quarto maior do sobrado; os meninos, no quarto da frente; o pai e a mãe, no quarto de trás, o que tinha um arco no meio e um pequenino compartimento de vestir, mais tarde transformado em rouparia.

Naquela época era costume ter só um banheiro na casa. Dai a fila e a briga para entrar, pois o banheiro, apesar de grande, acomodava só um de cada vez.

Angel, sai dai!

De jeito nenhum! Quer parar de gritar?

QUEM ESTÁ GRITANDO??? — Vívian se esgoelava.

Apenas crianças de antigamente, gritando exatamente como as de hoje.



De vez em sempre dona Maria ficava com os cabelos em pé devido às bagunças das crianças. Arrumava os quartos e a babá das crianças batia em retirada para a casa dos avós, para que a patroa pudesse pôr “ordem no galinheiro”.

O avô, seu Cleso, era um próspero proprietário de uma casa de comércio chamada Livro Azul. Lá vendia-se tudo: artigos de papelaria, cristais, pianos alemães.

A avó, dona Sara, era dona de casa como todas as mulheres na época.

Os dois tinham mais uma filha — Antonieta, mais nova que Maria —, que, casada com um italiano, Fabrizio, fixara residência em Bérghamo, Itália.

A casa da dona Sara e seu Cleso era enorme. Construíram no quintal, especialmente para as filhas quando pequenas, uma linda casinha de bonecas e vários balanços nas árvores, que agora tinham sido reforçados para os netos.

Cada um dos netos se interessava por uma coisa: Vívian e Angel pela casinha de bonecas. As duas passavam horas brincando de mamãe e filhinha, para o sossego da mãe. Dinho subia nas árvores, caía a toda hora do balanço e vivia correndo atrás dos gatos (eram oito). César, menorzinho, passava horas e horas andando aos tropeções pelo jardim chutando uma bola de meia — isto quando não mexia nas aquarelas do avô.

Os avós, olhando a algazarra dos netos, sentiam uma pontinha de tristeza. Dos netos na Itália só tinham... fotos.



Dona Maria não chegara a conhecer os sogros. Quando se casou, os pais do marido já tinham falecido.

Doutor Geraldo tinha cinco irmãs: Mimi, Diva, Dinah, Elza e Zeila.

Diva e Dinah, que moravam a poucos quarteirões da casa de Maria, eram loucas pelas crianças.